

A palavra armada na ficção sobre a Guerra do Paraguai

The armed word in the fiction about the Paraguay War

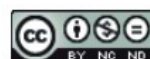
La palabra armada en la ficción sobre la Guerra del Paraguay

Adenilson De Barros De Albuquerque
Instituto Federal do Paraná
Umuarama, Brasil
Email: adenilson.albuquerque@ifpr.edu.br
ORCID : [0000-0003-0090-2672](https://orcid.org/0000-0003-0090-2672)

Recibido: 14 de abril de 2023
Aceptado: 11 de octubre de 2023
Publicado: 9 de noviembre de 2023

Artículo científico. Síntesis de la investigación y de los resultados generales presentados en la tesis doctoral: A “palavra armada”: ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870), Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020, bajo la dirección del Dr. Gilmei Francisco Fleck.

Cómo citar: de Barros de Albuquerque, Adenilson. «A palavra armada na ficção sobre a Guerra do Paraguai». Revista de Historia Social y de las Mentalidades, vol. 27, no. 2, 2023, pp. 328-346, doi: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v27i2.6068>.



Resumo. Este artigo, a partir de contribuições teóricas, especialmente de autores latino-americanos (Assunção 2012; Baratta, 2014; Brezzo, 2003; Doratioto, 2002; Maestri, 2017; O’Leary, 1929; Salles, 1990; Aínsa, 1991; Fleck, 2017; Pons, 1996) interessados em problemáticas históricas e literárias, analisa como romances da Guerra do Paraguai (1864-1870), por meio de uma postura bipartida por nós denominada “palavra armada”, primeiro apoia-se em uma ou mais das tendências historiográficas sobre a guerra e, por último, constitui-se como ressonância ficcional organizada em trincheiras, sejam nacional-patrióticas, revisionistas ou pretensamente objetivas.

Palavras-chave: América Latina; Romance histórico; Historiografia; Literatura.

Abstract. Based on the theoretical contributions of Latin American experts (Assunção 2012; Baratta, 2014; Brezzo, 2003; Doratioto, 2002; Maestri, 2017; O’Leary, 1929; Salles, 1990; Aínsa, 1991; Fleck, 2017; Pons, 1996), interested in historical and literary issues, we analyze how historical novels related to the theme of the Paraguayan War (1864-1870). Utilizing a bipartite stance that we call “armed word”, we argue that the novels first rely on one or more of the historiographical trends about the war and, finally, it is constituted as fictional resonance organized in trenches, whether patriotic, revisionist or allegedly objective.

Keywords: Latin America; Historical Novel; Historiography; Literature.

Resumen. A partir de las contribuciones teóricas de los expertos latinoamericanos (Assunção 2012; Baratta, 2014; Brezzo, 2003; Doratioto, 2002; Maestri, 2017; O’Leary, 1929; Salles, 1990; Aínsa, 1991; Fleck, 2017; Pons, 1996), interesados en las problemáticas históricas y literarias, analizamos cómo las novelas históricas relacionadas con la temática de la Guerra del Paraguay (1864-1870). Por medio de una postura bipartida que denominamos “palabra armada”, sostenemos que las novelas se apoyan primero en una o más de las tendencias historiográficas sobre la guerra y, por último, se constituye como resonancia ficcional organizada en trincheras, ya sea patrióticas, revisionistas o presuntamente objetivas.

Palabras clave: América Latina; novela histórica; historiografía; literatura.

1. Introdução

A passagem do tempo apagara inúmeras histórias, individuais ou coletivas, não fossem as modalidades da linguagem que alimentam a memória e a nossa capacidade de compartilhá-la, especialmente por meio da palavra oral e escrita. Sem as histórias e o que elas nos ensinam, passado um quarto de século após os conflitos armados que envolveram quatro países da América do Sul, Machado de Assis (1894) ficaria impossibilitado de exibir sua ironia e questionar: “Campanha do Paraguai! Mas então, houve alguma campanha do Paraguai? Onde fica o Paraguai?”. Essas questões estão presentes na crônica em que o escritor discute a relação entre o antigo e o moderno e, como exemplo, mesmo sem haver longa duração temporal após a guerra, sugere que sua temática aparece como coisas velhas contadas a moços que, semelhantes a todos nós que dela não participamos, estão carentes da sensação do tempo, assim denominada pelo cronista.

Na orientação do presente estudo, que o leitor poderá consultar integralmente em nossa tese de doutorado (Albuquerque, A “*palavra armada*”), as duas maneiras de se aproximar das sensações do tempo passado são o contato com a historiografia e a leitura de romances históricos. O compromisso com os fatos e as fontes, presente nos textos de estrita orientação histórica, flexiona-se livremente nas escritas ficcionais que, desde o século XIX, com Walter Scott, vêm sendo consolidadas em diversas modalidades literárias desse gênero híbrido de história e ficção. Irmanadas pelo elo da linguagem, e às vezes distanciadas em pugnas de ordem estrutural ou metodológica, história e literatura, há mais de dois séculos, dividem o protagonismo no cenário amplo das observações dos eventos passados e oferecem suas versões às nossas vivências imediatas.

O romance histórico, desde a sua fase acrítica, passando pela crítica/desconstrucionista, até a mediadora mais atual, tem participação importante como intérprete das formações sociais e discursivas latino-americanas, criadas a partir de encontros, acréscimos e perdas entre culturas. Seja com os romances históricos clássicos (Lukács) e os tradicionais (Márquez Rodríguez) –aqueles mais comprometidos com a historiografia oficial –; com os novos romances históricos (Aínsa;



Menton) e as metaficções historiográficas (Hutcheon)– modalidades desconstrucionistas em relação à história e experimentalistas quanto à estrutura e/ou à linguagem –ou com os romances históricos contemporâneos de mediação (Fleck)–; cuja vertente escritural abrange moderadamente as modalidades anteriores – o contexto latino-americano encontra, nas releituras da história pela ficção, alternativas de expressão.

Empregamos o termo América Latina, na esteira de Coutinho (42), cientes de suas limitações e ambiguidades, mas

conscientes de sua legibilidade em momentos expressivos do passado do continente e na semelhança dos problemas e situações que enfrentamos hoje os diversos países que integram o bloco assim designado. A ideia de América Latina se desenha assim para nós como um mosaico de peças díspares, mas com fortes denominadores comuns, como uma região marcada por grande diversidade, mas que articula o heterogêneo em uma estrutura global permeável, contudo reconhecível por suas significações históricas e culturais comuns.

Para reavivar o passado desse continente, o diálogo dos romances históricos com as informações estabelecidas à guisa de objetividades, relacionadas a momentos relevantes de personagens ou sociedades, contribui para que velhos e novos argumentos apareçam como instigadores de conhecimentos e interpretações.

Averiguar as releituras da história da Guerra do Paraguai –conhecida também como Guerra Grande para os paraguaios e Guerra da Triple Alianza para os argentinos, a maior conflagração armada da América Latina (1864-1870)– realizadas pela ficção, cuja produção segue atuante especialmente a partir do último quarto do século XX até o presente,¹ resulta, nessa direção, uma tarefa desafiadora e indispensável aos pesquisadores de literatura comparada, interessados em apresentar vias críticas ao pensamento latino-americano, muitas vezes excessi-

1 Os romances *El piano de Chopin* (2017), do argentino Zelmar Acevedo Díaz, *El paso de los cuatrocientos* (2018), do paraguaio Marco Augusto Ferreira, e *Paraíso-Paraguay* (2019), do brasileiro Marcelo Labes, são três das publicações mais recentes, o primeiro deles quicá o melhor ficção histórica já produzida sobre o tema da guerra. Sobre o último, publicamos um artigo que pode ser lido em (Albuquerque, “Canudos/Paraguai”).

vamente amarrado às importações teóricas e artísticas europeias ou norte-americanas.

2. A palavra armada

Primeiramente, destaquemos que, em termos teóricos e metodológicos, situamos nosso estudo essencialmente, no campo da revisão bibliográfica e na apreciação do material teórico selecionado, sendo, pois, de ordem qualitativa, em áreas como a literatura comparada –especialmente no que concerne à sua relação com outras áreas do conhecimento–, a teoria literária –em questões referentes ao gênero romance histórico, desde sua trajetória e periodização até sua importância no âmbito da América Latina–, a linguística –no tocante à construção e análise dos discursos, especialmente aos da ficção–, a história –na revisão das versões do evento passado recriado pela ficção, bem como nos princípios norteadores da Nova História–, os estudos culturais –no acesso às confluências interdisciplinares que oferecem ferramentas para a compreensão das sociedades contemporâneas.

Somado ao entendimento de que não há outra área mais propícia “para a congregação da diversidade que se reúne em torno ao conceito de latino-americanidade do que a arte literária” (Fleck 42), investigamos uma quantidade expressiva de romances relacionados à temática da Guerra do Paraguai, publicados por autores oriundos do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai –países diretamente envolvidos no evento histórico em apreço–, com o objetivo central de comprovar a recorrência, em dois planos, do que denominamos palavra armada. Nossa linha de análise sugeriu esse fenômeno como uma postura bipartida porque, nos limites da temática que nos cabe, ocorre de modo basilar na historiografia e complementar na ficção.

A construção e a escolha do termo palavra armada teve, inicialmente, inspiração na filosofia da linguagem em que a “[...] *palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (Bakhtin 96). Tomamos de empréstimo essa compreensão para encararmos a historiografia e especialmente a ficção relacionada à Guerra do Paraguai como narrativas que nos convidam a leituras, em

grande medida padronizadas, e a certo ocultamento de realidades histórico-sociais.

A palavra armada que atribuímos ao âmbito da historiografia constituiu-se como um arcabouço demarcado por algumas correntes de interpretação da guerra. Elas resultam em uma delimitação de repertório por nós compreendida como o alicerce –ou a armação prévia– que garante referencialidade² fundamental para a sustentação interpretativa, ou ideológica, na configuração das obras, independente da qualidade estética ou da corrente historiográfica preferencial do romancista. Ao levarmos em consideração que “toda obra literária parte de um repertório reconhecido pelo público, [...] no caso da ficção histórica, ele se investe de uma função mais definida – isto numa tendência crescente” (Nascimento 84), conferimos às tendências historiográficas, sejam patrióticas, revisionistas ou pertencentes a uma nova história, o posto de guia fundamental para as releituras praticadas pela ficção.

A palavra armada no âmbito da ficção está, portanto, empregada nos romances históricos como elemento devedor da palavra armada pela historiografia. Essa postura manifesta-se na exposição das causas e consequências dos conflitos bélicos e, especialmente, na constituição das vozes narrativas. Apresenta-se, por sua vez, geralmente preconceituosa, ressentida e resulta em certo desinteresse ficcional em relação aos encontros e contrastes responsáveis pela formação híbrida latino-americana, ricamente substanciada no que foi e representa a Guerra do Paraguai para o continente.

Chama a atenção –apesar de estarmos cientes de que não cabe à ficção a obrigatoriedade de cumprir com determinadas demandas, mesmo sendo resultado de contextos sócio-históricos– a produção da quase totalidade dos romances históricos sobre a Guerra do Paraguai encontrarem-se no marco da *novela histórica de fines del siglo XX*, sugerida por Pons ou do romance histórico contemporâneo de mediação, estudado Fleck. Isto é, a temática dos romances vem a público após

2 Em “Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos”, Nascimento (57-94) expõe um percurso teórico para o estudo da referencialidade, tema central em sua tese de doutorado que teve como objeto de análise romances brasileiros relacionados à Guerra do Paraguai. De sua abordagem interessa-nos, particularmente, a atenção dada à noção de tríplice mimese, elaborada por Paul Ricoeur, da qual o seu primeiro elemento, a prefiguração, pode ser vinculado, em alguma medida, ao primeiro plano da noção bipartida que damos à palavra armada.

uma série de estudos voltados à ampliação do nosso horizonte de expectativas frente às realidades da América Latina, unidas pelas diferenças.

Sobre essa página da história, amplamente revisitada por mais de três dezenas de romancistas, ainda não havia estudo de tal forma abrangente, a exemplo do que fizemos na direção de outra guerra total³ latino-americana, a de Canudos (1896-1897), essa sim com obras que se destacam pelo desvio da norma, ao ultrapassarem as limitações historiográficas e proporem abordagens que vão do multiperspectivismo à mediação do encontro entre as muitas facetas históricas e culturais possíveis de serem retomadas pela ficção.⁴

A reincidência da palavra armada nos romances históricos da Guerra do Paraguai colabora com o adiamento do que Ricoeur (331) considera a função libertadora da ficção histórica. Para o teórico, ao

libertar retrospectivamente certas possibilidades não efetuadas do passado histórico, é graças ao seu caráter quase histórico que a própria ficção pode exercer *retrospectivamente* a sua função libertadora. O *quase-passado* da ficção torna-se assim o detector dos possíveis ocultos no passado efetivo.

Debruçar sobre as escritas literárias que revisitam e recriam a maior guerra já ocorrida no Sul da América –fundamental para a sequência histórica dos países envolvidos–, tornou-se um caminho relevante para a obtenção de ferramentas que nos ajudem a desvelar alguns dos elementos correspondentes às investidas tímidas dos romances históricos em relação às complexidades de nosso passado, cuja compreensão é elementar para pensarmos criticamente o presente e construirmos expectativas de futuro.

3 O caráter de guerra total atribuído à Guerra Grande deve-se, segundo Baratta (*La Guerra del Paraguay* 47), à combinação de táticas coloniais e modernas somadas a epidemias letais e à fome; à radicalização das normas ou violações das leis de guerra a serviço da política obstinada dos aliados por destruir o adversário; à obstinação de Solano López de não render-se e prolongar os conflitos que resultaram em características devastadoras, especialmente para a população do Paraguai.

4 Os romances históricos sobre a guerra de Canudos formam a base de nossa dissertação de mestrado intitulada “Narrativas canudenses: conflitos além da guerra”. Cascavel: Unioeste, 2013. A partir da base desse texto, publicamos, em parceria com Gilmei Francisco Fleck, o livro *Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aeilton Fonseca (2009)*. CRV, 2015.

Investigar as nuances e as explicitações ficcionais, em um conjunto temático de romances históricos, é a maneira pela qual oferecemos uma perspectiva de leitura que, ancorada em informações e discursos arraigados na formação simbólica e material da América Latina, atente para o texto literário como potencial espelho de nossa condição historicamente híbrida. (Bernd).

Os romances históricos da Guerra do Paraguai, as vozes genuínas pertencentes aos contextos em litígio, muitas vezes não se permitem desabrochar em sua ampla abrangência significativa, estabelecida por longos processos de conformação sociocultural. Elas são, em grande medida, ofuscadas pela necessidade quase impositiva da continuidade de combates verbais, ecoados nas esteiras historiográficas que levam o leitor a tomar partido entre prováveis vencidos e vencedores.

Ao não escapar da formulação de dicotomias relacionadas ao evento histórico incorporado à ficção, as narrativas incorrem comumente em previsibilidades argumentativas, traduzidas em ecos das preferências do autor –não raro excessivamente pessoal na sua “zona de penumbra” que, para Hobsbawm, há “entre a história e a memória; entre o passado como um registro geral aberto a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas” (15)– consolidadas por meio de referencial bibliográfico e outras formas de contato indireto com o evento histórico.

Esta segunda e principal significação que conferimos ao termo palavra armada não está orientada no sentido de questionar ou comparar os dotes literários de cada romancista. Apesar de expormos uma série de obras e as óbvias diferenças de linguagem e abordagem que as constituem, a palavra armada no âmbito ficcional designa, objetivamente, a regularidade em que reeditam os discursos da palavra armada pela historiografia especializada.

Verificamos, em primeiro lugar, as hipóteses de que os romances da Guerra do Paraguai, seja de forma laudatória ou com sinais de criticidade, destinam-se a reproduzir, em grande medida, as versões sobre as causas, os meandros e as consequências dos enfrentamentos bélicos estabelecidas pela historiografia. Falta-nos um romancista que empreenda um mergulho na “totalidade” do tema, que fuja das problemáticas referentes à sua nacionalidade e direcione sua produção ficcional

a personagens e eventos caros e representativos para os quatro países envolvidos na guerra.

Em segundo lugar, inclinam-se preferencialmente na direção de um ou poucos personagens que se destacam por sua relação direta ou indireta com a guerra, mas raramente incursionam para além das trincheiras historiográficas, em uma possível busca de abrangência à hibridização latino-americana. Mesmo utilizando-se de estratégias discursivas desconstrucionistas como a paródia, carnavalização, metaficção, etc., na tessitura narrativa, não é comum a ampliação de abordagens que se estendam, por exemplo, às idiosincrasias profundas das personagens ou comunidades da região do Prata, em um viável exercício dialético significativamente destacável, pela pluralidade e profundidade, no jogo de retomada da história pela ficção.

3. Ficções da guerra

Para efetivar o intuito de leitura dos romances, buscamos elaborar uma contextualização histórica e historiográfica referente aos eventos bélicos, políticos e sociais do período demarcado, na leitura de obras basilares, como as assinadas por Thompson; Doratioto; Whigham (*La Guerra* vol. II; vol. III); Assunção; Maestri, entre outros.

Acerca da historiografia relacionada à Guerra do Paraguai, recorremos especialmente aos estudos assinados por Salles; Baratta (“La guerra”); Sansón Corbo; e Geller. Investigações desta natureza são fontes necessárias para o trabalho de crítica literária que, via de regra, ao se debruçar sobre textos ficcionais, não abarca toda a produção bibliográfica proveniente de outras áreas do conhecimento as quais dispõem de pesquisadores comprometidos com as ramificações de um mesmo tema. A partir de estudos como os apontados acima, adentramos na primeira acepção da palavra armada, isto é, na moldura instaurada pelas propostas de leitura histórica tradicionais, revisionistas ou aquelas mais recentes, que flertam com a imparcialidade.

Para desvelarmos a segunda e principal acepção da palavra armada, valemo-nos de alguns autores já mencionados e outros como Perkowska-Alvarez; e Weinhardt. Estes estudiosos nos encaminham à compreensão do romance histórico enquanto gênero e de sua subdivisão



em modalidades, muitas vezes desconhecidas, ainda hoje, por parte da crítica especializada.

Da vasta produção literária sobre a Guerra do Paraguai, destacamos de maneira generalizada *Escenas de la Guerra del Paraguay* (1928-1929), trilogia de Manuel Gálvez; *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Lepecki; *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino; *Pancha* (2000), de Maybell Lebron; *Río escarlata* (2016), de María Eugenia Garay; *Aquel sagrado suelo* (2000), de Federico Peltzer. Sobre a maioria desses romances há pouca, à vezes inexistente, fortuna crítica. As exceções são a trilogia de Gálvez, abordada devido à sua condição de fundadora entre os romances da Guerra do Paraguai, e *Cunhataí* que já figura em vários estudos acadêmicos, especialmente realizados no Brasil.

Como representantes de cada país envolvido diretamente na guerra, destacamos obras cuja escolha justifica-se por oferecerem, entre outros aspectos: uma discussão sobre o contexto uruguaio frente à guerra e aos conflitos que a desencadearam, em *No robarás las botas de los muertos* (2002), de Mario Delgado Aparain; a problematização do caso paraguaio na sua relação histórica e atual com a Guerra do Paraguai, em *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá; um olhar sobre a escrita da história e da ficção inspirada no revisionismo relacionado à intervenção imperialista, em *Los papeles de Burton* (2012), da argentina Mercedes Rubio; elementos sobre os silêncios dos excluídos da história, em *Menina* (2012), do brasileiro Paulo Stucchi.

No Uruguai, em termos de criação literária, os romancistas parecem ecoar a “vergonha historiográfica” de o país ter entrado na guerra a reboque dos interesses liberais brasileiros e argentinos, ou simplesmente o tema da Guerra do Paraguai não lhes causa interesse. Dentre as dezenas de obras elencadas, duas pertencem a autores de nacionalidade uruguaia. Uma delas, *El hombre víbora* (2013), de autora que se considera paraguaia por ter emigrado há mais de trinta anos, não aborda a guerra em si, mas faz referência aos anos seguintes a 1870, quando o país esteve sob governo provisório. A outra é *No robarás las botas de los muertos* (2002), de Mário Delgado Aparain, cujo foco narrativo também não está na Guerra do Paraguai. Sua relação, porém, com os antecedentes e as referências diretas sobre o posterior conflito bélico entre a Tríplice Aliança e o Paraguai são credenciais relevantes.

O interesse de Delgado Aparain pelo tema da narrativa em questão se deu, segundo entrevista a Morales (2002), a partir de uma origem complexa que pode estar relacionada à juventude do escritor quando assistiu ao filme *The Alamo*⁵ e especialmente às histórias familiares de carga legendária que circundavam o feito de Leandro Gómez durante o sítio de Paissandu. Para Delgado Aparain, esse evento histórico já estaria nas telas do cinema se ele tivesse ocorrido no hemisfério norte.

No romance, o encontro direto e indireto de personagens de diferentes nacionalidades ajudam a compor uma versão sobre o sítio de Paissandu que, segundo a opinião presente na contracapa da edição de 2005, “ *fueron tal vez el más aberrante prolegómeno a la Guerra del Paraguay.*”

O sítio de Paissandu acontece de 3 de dezembro de 1864 a 2 de janeiro de 1865. Nestes dias e noites, os defensores comandados por Leandro Gómez resistem como podem até o domínio total dos invasores que tinham como próximo objetivo tomar Montevidéu e destituir o governo *blanco*. Na capital, não houve necessidade de enfrentamento armado devido a um acordo mediado pelo diplomata José Maria da Silva Paranhos a partir do qual Flores “assumiu a presidência da República e comprometeu-se a atender todas as exigências do ultimatum de 4 de agosto do ano anterior e [...] colocou novamente em vigência os Tratados de 1851” (Doratioto 75). Sob a gerência de um governo *colorado*, comprometido em posicionar-se ao lado do Império contra Solano López, estava, assim, estabelecida a participação do Uruguai na Tríplice Aliança a ser assinada no dia primeiro de maio de 1865.

O ocorrido em Paissandu, apesar de não constar entre os episódios da Guerra do Paraguai, vincula-se a personagens e interesses que posteriormente estariam em disputa nos campos de batalha. Estes elementos nos orientam a considerá-lo, diante da publicação de *No robarás las botas de los muertos* e da escassez de romances históricos uruguaios relacionados ao evento basilar de nosso estudo.

No Paraguai, além das consequências econômicas e sociais, a guerra produziu “uno de sus más vastos movimientos historiográficos y una verdadera polarización bibliográfica en detrimento de la investigación de otros procesos, convirtiéndose en el centro nervioso de toda

5 Dirigido por John Wayne, o filme é de 1960 e traz a história da invasão do Texas por tropas mexicanas, em 1836, na batalha pela defesa do forte Álamo.

la historia nacional” (Brezzo 160). Os governos militares, no comando do país na maior parte do tempo, no último século, monopolizaram as diretrizes dessa polarização no incentivo de uma postura nacionalista que ficou conhecida como “lopismo”. Assim, Solano López passa a ser visto como herói e vítima do ataque estrangeiro realizado pela Tríplice Aliança. Torna-se “sinónimo de coraje y patriotismo, se consolidó definitivamente en los años que siguieron y su construcción historiográfica se hizo aun más rígida durante el stronato y el consiguiente ascenso al poder del partido Colorado” (Brezzo 170).

Não é preciso muito esforço para depreendermos a pouca ou nula possibilidade intelectual de contestação pública dessa vertente majoritária que tomou conta do país. É com o arrefecimento do governo ditatorial que, em meados da década de 1980, começam a aparecer publicações divergentes, a exemplo do romance *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá, que tem como continuação *Caballero rey* (1988), nessa última uma espécie de biografia de Bernardino Caballero após o término da Guerra do Paraguai.

Caballero, em linhas gerais, é uma paródia, mas não somente, da biografia elogiosa do general paraguaio Bernardino Caballero (1839-1912), escrita por Juan E. O’Leary, com o título de *El Centauro de Ybicui* (1929).

A dedicatória “*Al Lazarillo de Tormes, respetuosamente*” (Rodríguez Alcalá 5) apresenta-se como chave para adentrarmos no caminho percorrido pelo livro. A homenagem prestada a essa obra basilar da literatura espanhola –segundo Nascimento (63), “a partir do *Lazarillo de Tormes* (1554), os romances picarescos adotam a forma autobiográfica. O pícaro é o embrião do anti-herói, ou do herói moderno”– ecoará no decorrer de *Caballero* emoldurando as características fundamentais da vida e do discurso do seu protagonista.

Em *Caballero*, o livro de O’Leary não é só utilizado como ponto de partida para um exame crítico da historiografia revisionista paraguaia. A voz do narrador autodiegético nos é apresentada de modo a reposicionarmos o discurso base da obra precedente em um novo patamar, não só alternativo, mas incômodo aos que não desejam deixar de acreditar em um país cujas glórias de seus heróis suplantam toda e qualquer reação dissonante.

Da Argentina, destacamos *Los papeles de Burton* (2012), de Mercedes Rubio, romance cuja voz enunciativa autodigética é atribuída à personagem histórica Sir Richard Francis Burton (1821-1890), inglês que, entre 1865 e 1869, esteve no Brasil onde, em parte desse período, ocupou o cargo de cônsul e realizou expedições pelo interior em busca de conhecimento e riquezas.

De suas duas viagens a lugares relacionados aos conflitos bélicos –somadas à leitura de documentos e conversas com diversas pessoas, ilustres desconhecidas ou ocupantes de cargos importantes na época– resultou a escrita de *Letters from the Battlefields of Paraguay*, publicado em Londres no ano de 1870, que

apresenta prefácio assinado pelo autor, um longo ensaio introdutório e vinte e sete cartas-reportagens endereçadas a um destinatário anônimo ‘Z...’. Inclui, em cerca de 500 páginas, apenas três ilustrações e um mapa das terras guaranis de então. A última carta contém a transcrição da proclamação de Luque, feita pelo conde D’Eu, e alguma correspondência firmada, entre outros, por Resquin e Solano López. [...] O livro é dedicado a D. Domingo Sarmiento [...]. O intuito desta obra, segundo Burton, é contar ao grande público o desenrolar das hostilidades verificadas no palco daquela ‘China mediterrânea’. [...] Considera o autor a Campanha do Paraguai essencialmente uma guerra de trincheira que, após o *Waterloo* de Loma Valentina – terminou em luta de guerrilha. (Carvalho 9)

A constância metaficcional no romance serve como guia para a constituição narrativa em busca das causas da Guerra do Paraguai e especialmente das traições no contexto paraguaio. Essa estratégia escritural não está, entretanto, a serviço de apresentar vários fios narrativos como igualmente válidos. Pelo contrário, a quantidade e complexidade das informações elencadas pelo narrador surgem como elementos norteadores para uma “verdade” que será revelada na medida em que o romance avança.

Por essa razão, somada à releitura crítica e verossímil do passado, com manipulações do tempo da narrativa –entre o momento da escrita e o momento da história narrada– sem cair em anacronismos; e à utilização de uma linguagem fluida com passagens marcadas pela inter-

textualidade, *Los papeles de Burton* converge para o grupo de romances históricos contemporâneos de mediação. Oferece-nos uma interpretação do evento histórico, não de maneira desconstrucionista, mas em consonância evidente com o revisionismo voltado à influência crucial do imperialismo inglês na guerra de 1864-1870.

Do Brasil, com o romance *Menina* (2012), de Paulo Stucchi, confrontamo-nos com uma configuração narrativa propensa à historiografia tradicional brasileira que constrói e enaltece seus heróis pátrios em detrimento do adversário estrangeiro, principal, senão único, responsável pelas causas, desenvolvimento e consequências da guerra. O apelo ficcional do romance, livre em suas escolhas como acontece com toda obra literária, não deixa de reforçar uma visão dos fatos, em detrimento de perspectivas plurais que fogem à unilateralidade histórica – presentes na historiografia brasileira mais recente (Baratta, “La guerra del Paraguay” 105)–, reduzida em seu viés militar-nacionalista.

Para além da aventura indelével das personagens María (indígena paraguaia) e Negro João (soldado brasileiro), e das revelações sobre a vida posterior da primeira, apresentadas nas últimas páginas do livro, o leitor não é “convencido” sobre a personalidade e as vivências da protagonista. Sua voz depende do narrador que toma a iniciativa de construir uma memória ideal. A inconformidade sugerida por ela em relação à historiografia oficial parece forçada, para revelar uma dissonância forjada pela sua lucidez perante os eventos passados e as manipulações histórico/ideológicas impostas no seu país.

Menina também se constitui no marco do romance histórico contemporâneo de mediação, pois busca na história um estopim para a criação literária sem alterar exageradamente pressupostos historiográficos; apresenta linguagem acessível aos leitores menos experimentados; não se arrisca em experimentalismos linguísticos e formais; traz para o primeiro plano narrativo personagens representativas daquelas pouco lembradas nos anais da cultura oficial nacionalista; sugere momentos de criticidade, sem distanciar-se da trincheira armada por sua base histórica, ao que foi e representa a Guerra do Paraguai para a maior parte das sociedades latino-americanas.

4. Conclusões

Se, por um lado, as batalhas entre os exércitos tiveram término oficial, as correntes interpretativas sobre as causas e consequências da guerra, por outro lado, não deixaram, ao longo dos anos, de apresentarem seus heróis e vilões. Vasta historiografia compõe uma biblioteca a qual os romancistas recorrem no intuito de produzirem suas ficcionalizações, expressivas em quantidade desde a década de 1980 até este século que já vai pelo terceiro decênio. A temática apresenta-se em diferentes versões, a maioria delas comprometida essencialmente com uma das correntes historiográficas predominantes e sob o controle de uma ou poucas vozes que, geralmente, tornam as obras monológicas ou enun-ciadoras de um posicionamento combativo específico.

Envolvidos pela postura de palavra armada, entre os romances da Guerra do Paraguai –apesar de muitos deles revelarem incontestável qualidade literária– ainda não há um exemplar cuja iniciativa ficcional tenha expandido sua focalização para os múltiplos elementos históricos e culturais que compuseram aquele evento sem precedentes na América Latina.

Pela mediação dos romances históricos, aquela página da nossa história vem revelando-se livro a livro, cada qual com seus interesses que, quando incursionam para além da própria guerra, limitam-se a espaços e personagens determinados em detrimento da complexidade de um tema caro a pelo menos quatro países. Frente à leitura de um romance da Guerra do Paraguai, não temos, portanto, muitas oportunidades para ultrapassar as fronteiras que, em certa medida, nos mantêm distantes enquanto vizinhos os quais, a despeito de nossa proximidade geográfica e de nosso passado histórico em grande medida imbricado, ainda não foram devidamente apresentados.

Esperemos que, num futuro, talvez não muito distante, a palavra armada possa ceder, progressivamente, para um diálogo na literatura que seja audível desde as heterogeneidades que conformaram o contexto da Guerra do Paraguai e que, de certa maneira, configuram ainda a realidade vivenciada por grande parte da população latino-americana, todavia alheia às possíveis ressignificações do passado pela arte literária.



Agradecimentos:

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná; ao orientador Dr. Gilmei Francisco Fleck; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); à *Universidad del Salvador*; à Dra. María Rosa Lojo; aos escritores Guido Rodríguez Alcalá, Mercedes Rubio, Irina Ráfols, Zelmara Acevedo Díaz e a historiadora María Victoria Baratta com quem, entre outros, pude conversar e aprender durante o período de pesquisa (2016-2020).

Referências bibliográficas

- Acevedo Díaz, Zelmara. *El piano de Chopin*. Voria Stefanovsky Editores, 2017.
- Aínsa, Fernando. “La nueva novela histórica latinoamericana”. *Plural*, 240, 1991, pp. 82-85.
- Albuquerque, Adenilson de Barros de. A “palavra armada”: ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870). Tese Doutorado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020.
- . “Canudos/Paraguai: regressos ficcionais das guerras”. *EntreLetras*, vol. 12, pp. 104-114, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p104-114>.
- Albuquerque, Adenilson B., e Francisco Fleck. *Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Editora CRV, 2015.
- Assis, Machado de. *A semana*. Texto digitalizado pelo Núcleo de Educação a Distância, da Universidade da Amazônia. PDF. s.d.
- Assunção, Moacir. *Nem heróis, nem vilões: Curepas, caboclos, cambás, macaquitos e outras revelações da sangrenta Guerra do Paraguai*. Record, 2012.
- Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec, 2006.
- Baratta, María Victoria. *La Guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional*. SB, 2009.
- Baratta, María Victoria. “La guerra del Paraguay y la historiografía argentina”. *História Da Historiografia: International Journal of Theory*

- and History of Historiography*, vol. 7, no. 14, 2014, pp. 98-115. DOI: <http://dx.doi.org/10.15848/hh.voi14.614>.
- Bernd, Zilá, ed. *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- Brezzo, Liliana. "La historiografía Paraguaia: Del aislamiento a la superación de la mediterraneidad". *Diálogos*, DHI/UEM, vol. 7, 2003, pp. 157-175. https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/129694/CONICET_Digital_Nro.0753bbbb-9c5b-4440-bf4a-67119c31fdac_B.pdf?sequence=5&isAllowed=y
- Burton, Richard Francis, Sir. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Trad. José Lívio Dantas. Biblioteca do Exército Ed., 1997.
- Carvalho, L. P. Macedo. "Apresentação". In Sir Richard Francis Burton, *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Trad. José Lívio Dantas, Biblioteca do Exército Ed., 1997.
- Coutinho, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. EdUERJ, 2003.
- Delgado Aparain, Mario. *No robarás las botas de los muertos*. Punto de Lectura, 2008.
- Doratioto, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2002.
- Faustino, Marcos. *Águas atávicas*. Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2013.
- Ferreira, Marco Augusto. *El paso de los cuatrocientos. Libro I de Crónicas de Uruguayana*. Tiempo Ediciones, 2018.
- Fleck, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. CRV, 2017.
- Gálvez, Manuel. *Los caminos de la muerte*. Buenos Aires: Editorial Tor, s.d.
- . *Humaitá*. Editorial Losada S. A., 1947.
- . *Jornadas de agonía*. Editorial Tor, s.d.
- Garay, María Eugenia. *Río escarlata*. Servilibro, 2016.



- Geller, Odair Eduardo. *José Bernardino Bormann, José Ignacio Garmendia e Juan Crisóstomo Centurión e a constituição narrativa da guerra contra o Paraguai*. Tese Doutorado, UFPR, 2018.
- Hobsbawm, Eric J. *A era dos impérios*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Paz e Terra, 2002.
- Hutcheon, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Imago, 1991.
- Labes, Marcelo. *Paraíso-Paraguay*. Caiaponte, 2019.
- Lebron, Maybell. *Pancha*. Arandurã, 2014.
- Lepeki, Maria Filomena. *Cunhataí. Um romance da Guerra do Paraguai*. Talento, 2003.
- Lukács, Georg. *A teoria do romance*. Editora 34, 2000.
- Maestri, Mário. *Guerra sem fim: a Tríplice Aliança contra o Paraguai: a campanha ofensiva (1864-1865)*. FCM Ed., 2017.
- Márquez Rodríguez, A. “Evolución y alcances del concepto de novela histórica”. *Historia y ficción en la novela venezolana*, Monte Ávila, 1991. pp. 15-54.
- Menton, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. Fondo de Cultura Económica, 1993.
- Morales, Luis. “En busca de la dignidad perdida”. *Latitud 30 35*, año 3, no. 43, 2002, pp. 20-23.
- Nascimento, Naira de Almeida. *Da narrativa ao romance: a prosa da Guerra do Paraguai nos limites da ficção (histórica) contemporânea*. Tese. UFPR, 2006.
- O’leary, Juan E. *El Centauro de Ybycui: vida heroica del general Bernardino Caballero en la Guerra del Paraguay*. Ed. Le Libre Livre, 1929.
- Peltzer, Federico. *Aquel sagrado suelo*. Emecé, 2000.
- Perkowska-Alvarez, Magdalena. “La novela histórica contemporánea: el cuestionamiento y la explosión del modelo”. *América: Cahiers du CRICCAL*, no. 34, 2006, pp. 177-185. DOI: <http://dx.doi.org/10.3406/ameri.2006.1759>.
- Pons, María Cristina. *Memorias del olvido: la novela histórica de fines del siglo XX*. Siglo veintiuno editores, 1996.
- Ráfols, Irina. *El hombre víbora*. El Lector: 2013.

- Ricoeur, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança M. Cesar. Papirus, 1994.
- Rodríguez Alcalá, Guido. *Caballero*. Editorial Sudamericana, 1987.
- . *Caballero rey*. RP Ediciones, 1988.
- Rubio, Mercedes. *Los papeles de Burton: los secretos de la Triple Alianza*. Punto de Encuentro, 2015.
- Salles, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Paz e Terra, 1990.
- Sansón Corbo, Tomás. “La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones?” *Diálogos*, vol. 19, no. 3, 2015, pp. 955-979.
- Stucchi, Paulo. *Menina – Mitacuña*. Schoba, 2012.
- Thompson, George. *Guerra do Paraguai*. Conquista, 1968.
- Weinhardt, Marilene. ed. *Ficção histórica: teoria e crítica*. Editora UEPG, 2011.
- Whigham, Thomas. *La Guerra de la Triple Alianza*. Vol. II. Taurus, 2011.
- . *La Guerra de la Triple Alianza*. Vol. III. Taurus, 2012

